

Coluna do Augusto

Em 2014, o que é o desktop Linux?

Para onde estão indo os desktops na era do dispositivos móveis?

por Augusto Campos

Desktop, na definição literal, é o computador feito para ficar fixo na mesa de trabalho, sendo que dessa localização decorrem algumas decisões quanto ao seu formato, peso, forma de interação com o usuário, alimentação elétrica, conectividade etc.

Há 10 anos, se pedíssemos a alguém para desenhar um computador desktop, de modo geral o desenho teria um mesmo conjunto de componentes: CPU, monitor, teclado, mouse. Mas, conforme os laptops e até mesmo o mercado mobile (tablets e smartphones) se aproximam cada vez mais da capacidade de processamento dos computadores de mesa, algumas fronteiras vão ficando cada vez menos claras.

No que diz respeito ao desktop Linux, especificamente, os limites entre ambientes planejados para uso desktop e laptop já estão difusos faz tempo. Sim, temos recursos específicos para laptops (como hibernação, modos de economia de bateria etc.), mas frequentemente eles são incluídos para instalação também em computadores de mesa. Faz diferença, em um mundo no qual cada vez mais pessoas de fato já têm em suas mesas não um computador desktop, e sim um computador feito para ser um laptop?

Acredito que não. Para mim, essa é uma fronteira que já ruiu. Outro ponto em que tenho dúvida prática em relação às fronteiras entre os modelos: um aplicativo feito para ser usado em tablets aos quais esteja conectado um teclado físico, é um aplicativo mobile propriamente dito, ou um aplicativo desktop sendo executado em um aparelho mobile? Talvez exista um critério objetivo para responder, mas para mim se trata de mais um exemplo de que as próprias categorizações que

ainda faziam sentido na década passada estão deixando de ser aplicáveis a várias situações.

Entre as fronteiras pouco claras, há uma sobre a qual tenho curiosidade crescente: se os Chromebooks contam ou não como desktop Linux. O fato de serem laptops já não impede isso faz tempo, e não há dúvida de que – assim como qualquer outro desktop Linux – eles executem o Linux como kernel. Mas isso basta para caracterizá-los assim?

Não sei a resposta, mas tenho visto notícias que colocam as duas possibilidades – ser ou não um desktop Linux – em conflito.

Um exemplo: recentemente a Adobe e o Google anunciaram que uma versão do Photoshop estava disponível para testes nos Chromebooks, e que em breve ela estará disponível comercialmente.

Não posso avaliar se o Chromebook é ou não uma plataforma adequada para executar o Photoshop, e confesso que nem tenho interesse em experimentar. A minha curiosidade é: será que, para efeitos daquelas listas que fazem sobre os aplicativos que fazem falta (a alguém) ao Desktop Linux, o Photoshop sendo executado oficialmente nos Chromebooks vai ser contabilizado como? Talvez as frases que vêm sendo publicadas ano após ano quando republicam essas matérias terão que ser mudadas.

Outro exemplo: em setembro os desenvolvedores decidiram retirar dos Chromebooks o suporte aos sistemas de arquivos ext2, ext3 e ext4, nativos do Linux e presentes em todas as distribuições Linux que eu conheço. Houve uma gritaria de usuários e a decisão foi encaminhada para reavaliação mas eu pergunto: será que faz diferença prática? Quantos usuários que optam pelo Chromebook usando seu software original terão algum uso para o ext2/3/4? Afinal, para mim ele realmente não parece um desktop Linux. (#prontofalei) Qual a sua opinião? ■

Augusto César Campos é administrador de TI e, desde 1996, mantém o site BR-linux.org, que cobre a cena do Software Livre no Brasil e no mundo.

